



João Furtado de Mendonça Neto

História recente de grandes grupos economicos Brasileiros

Campinas, 2016

João Furtado de Mendonça Neto

História recente de grandes grupos econômicos Brasileiros

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Instituto de Economia da Universidade
Estadual de Campinas, como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção do título
de Bacharel em Ciências Econômicas sob a
orientação do Prof. Dr. Célio Hiratuka.

Campinas, 2016

Agradecimentos

Agradeço primeiro de tudo meus pais por tudo que fizeram e fazem por mim, sem a dedicação e confiança que sempre me ofereceram seria impossível ter alcançado esse ponto. Aos meus amigos por tudo que fizeram por mim em todos esses anos de faculdade e que ajudaram a transformar esse projeto em realidade. Para todos meus professores que me moldaram, aperfeiçoaram e lutaram para chegar onde estou. E agradeço especialmente o professor Célio Hiratuka por toda ajuda que me ofereceu e oportunidades que o mesmo me possibilitou.

Resumo

Não foram poucos as mudanças na estrutura dos grandes grupos brasileiros no final do século XX. Com uma nova dinâmica enfrentada pelos grupos com o início de uma época neoliberal, os mesmos passam por grandes transformações. As mudanças sofridas fazem uma estrutura produtiva distinta do passado e que merece ser estudada com o intuito de entender onde estamos e qual será o nosso futuro. O objetivo da obra é dar ao leitor uma ideia de onde surgiram os grandes grupos, como a história modela os mesmos e qual foi a evolução dos grandes grupos nos anos 2000.

Abstract

The changes that occurred to during the 20th century to the biggest Brazilian economic groups were many. With a new dynamic to be faced by these groups due to a new epoch of liberal policies the changes they have faced have been substantial. These said changes have made a new productive structure distinct from the one found in the past and deserves its importance in being studied as it's a way to understand where we are and to have a glimpse of what our future will be. The objective of this thesis is to give the reader an idea of where these groups came from, how history has shaped them so far and what happened to them on the 21th century.

Sumário

1) Introdução.....	7
2) História e transformação recente Grandes Grupos	13
3) Análise Geral e Importância do grupo dos 200 maiores	21
4) Empresas selecionadas.....	27
4.1) Petrobras	28
4.2) Vale S.A.....	29
4.3) Itaúsa	30
4.4) ELETROBRÁS.....	31
4.5) Votorantim	32
4.6) Bradesco	33
4.7) Odebrecht	34
4.8) JBS.....	35
4.9) Oi/Telemar	36
4.10) BRFoods.....	37
4.11) COSAN	38
4.12) CPFL	39
4.13) CSN	40
4.14) Camargo Corrêa	41
4.15) Embraer	42
5) Conclusão	43
6) Referências.....	46

1) Introdução

Não foram poucas as mudanças ocorridas na estrutura empresarial brasileira no período posterior ao processo de privatização na década de 90. Da reestruturação da relação entre as empresas públicas e privadas a um novo do ambiente econômico com o enfrentamento da concorrência chinesa em uma conjuntura marcada pelos altos juros e câmbio valorizado, as mudanças da economia mundial forçaram os grandes grupos econômicos a traçar estratégias para enfrentar a atual conjuntura.

A nova estrutura criada pelos grandes grupos econômicos tem demonstrado não só capacidade de sustentar um processo amplo de internacionalização de empresas brasileiras como também certa resistência frente a crises internacionais. Neste sentido, o aparato público formado pelas grandes empresas estatais e instituições financeiras públicas parecem ter sido decisivos em garantir suporte financeiro ao crescimento e diversificação dos grupos econômicos.

Este projeto tem como objetivo analisar a importância dos grandes grupos, a forma como ocorre a interação entre os grupos e reconstruir a trajetória de alguns grandes grupos econômicos brasileiros selecionados nos anos 2000, dando especial ênfase aos movimentos de expansão através de investimentos em expansão de capacidade, compra de outras empresas, entrada em novas áreas e internacionalização.

O ressurgimento do debate sobre o Desenvolvimentismo, principalmente com as novas interpretações do Novo Desenvolvimentismo de Bresser e Nakano, parece ter encerrado um breve interregno em que o norte da política industrial não estava diretamente voltado à promoção do crescimento das grandes empresas nacionais. No plano dos Grupos Econômicos esta política se materializou na criação de uma estrutura empresarial caracterizada pela associação entre empresas estatais e empresas privadas, nacionais e estrangeiras, em um modelo associativo que caracterizou o desenvolvimento da indústria pesada brasileira. Este modelo de desenvolvimento da estrutura produtiva gerou empresas com considerável grau de diversificação, geralmente com a trajetória atrelada aos grandes planos de desenvolvimento e com estrutura típica de uma empresa holding, isto é, com propriedade acionária em uma série de *joint ventures* com outras empresas. Pode-se dizer que, *grosso modo*, esta forma empresarial ficou associada ao que se convencionou denominar de *Grupo Econômico*, sendo entendida como uma estrutura tipicamente relacionada com o processo de *catching up* industrial (Granovetter, 2005).

Ao promover a venda da propriedade estatal no setor produtivo, a privatização teve impacto significativo na estrutura dos grupos econômicos nacionais, alterando o grau de exposição destes grupos à concorrência e as formas de relacionamento dos grupos com as empresas dos demais elos das cadeias produtivas. Consequência principalmente dos vínculos entre estes grupos e as empresas estatais, sobretudo nos setores de insumos básicos. Na sequência do processo de privatização o que se presenciou foi um intenso processo de reestruturação da propriedade sobre as cadeias produtivas privatizadas, cuja atuação dos grupos econômicos e das instituições públicas através do mercado acionário foi decisiva para promover a concentração e a formação de grandes empresas nestes setores (Rocha e Silveira, 2009).

A reestruturação dos grandes grupos ocorrida ao longo dos anos 2000 embora não tenha dado uma resposta satisfatória ao avanço da concorrência internacional, principalmente asiática – em que pese, neste sentido, o regime macroeconômico – criou empresas que conseguiram não só expandir sua participação no mercado interno como avançar no processo de internacionalização. Logo, ao se analisar a trajetória dos grandes grupos econômicos percebe-se uma conjunção de fenômenos interessantes, entre estes talvez o mais discutido seja o possível processo de redução da participação da indústria na geração da riqueza nacional associada à consolidação de algumas grandes empresas industriais em nível global.

Em grande parte, este processo parece estar relacionado à conformação de novas formas de relacionamento entre as instituições públicas e os principais grupos econômicos, sobretudo no que diz respeito ao suporte financeiro e fornecimento de economias produtivas em alguns setores chave. Foram importantes neste sentido as instituições financeiras que permaneceram sob o domínio do estado – tais como Banco do Brasil e BNDES – e as grandes empresas estatais que não foram totalmente privatizadas, como Eletrobrás e Petrobrás por exemplo. Estas instituições formam ao lado dos grandes grupos econômicos uma peça importante na consolidação de uma nova etapa de crescimento das grandes empresas privadas no período atual.

Outro ator que merece destaque na trajetória recente de expansão dos grandes grupos econômicos foram os fundos de pensão dos trabalhadores das grandes empresas estatais. Os fundos de pensão desempenharam no período posterior à privatização um papel aos fundos de investimento privados nas economias avançadas; entretanto, sendo no caso brasileiro controlado de forma compartilhada pelas empresas estatais e sindicatos, não sendo, no sentido usual do termo, nem totalmente público nem privado. Os fundos foram importantes principalmente no processo de concentração industrial dos setores privatizados que se iniciou após os leilões de

venda. Os fundos de pensão deram possivelmente o aporte necessário ao movimento de fusões e aquisições dos grupos econômicos, colocando estes fundos no centro de muitas sociedades formadas em torno de algumas grandes empresas.

De modo geral, esta associação entre grupos econômicos, empresas públicas e fundos de pensão constitui uma forma aparentemente usual na configuração de certos empreendimentos envolvendo os grandes grupos econômicos no período citado. A consolidação desta estrutura tem dado certos sinais de dinamismo em alguns setores específicos e respondido com interesse às propostas do governo de novas frentes de investimento. Deste modo, as mudanças apresentadas pelos grandes grupos econômicos no Brasil sintetizam alguns fenômenos importantes ocorridos no período recente e representam um objeto de estudo necessário ao entendimento da economia brasileira em seu passado recente.

De fato, as mudanças ocorridas na estrutura dos grandes grupos são significativas sobretudo quando observada a concentração da atividade econômica sob o controle dos grandes grupos. Tomado como exemplo uma amostra de pesquisa formada pelos vinte maiores grupos econômicos, a receitas brutas somadas das empresas controladas por estes grupos correspondem a cerca de 30% do produto interno bruto, o que é relevante em relação à importância dos processos ocorridos no interior destas estruturas na definição do desempenho apresentado pela economia brasileira nas últimas décadas.

Outro aspecto importante é a presença majoritária de grupos econômicos de controle nacional entre os maiores grupos com presença na economia brasileira. A presença de grandes empresas nacionais sob o controle dos grupos econômicos demonstra também algumas das características contraditórias exibidas pela indústria brasileira nas últimas décadas; se houve durante os anos noventa um processo significativo de desnacionalização da indústria brasileira (Kupfer, 2001), esse processo atingiu apenas de forma marginal os grandes grupos econômicos, que na maioria dos casos conseguiram ampliar sua participação em seus principais mercados. Neste sentido, a atuação dos grupos econômicos durante o processo de privatização e a ação das instituições públicas na reestruturação posterior dos setores foi fundamental em garantir a presença dos grandes grupos econômicos na cadeia produtiva dos principais insumos básicos e serviços públicos.

Outro elemento adicional a se levar em consideração na análise dos grandes grupos econômicos é que uma parte significativa das atividades produtivas destes grupos é realizada através de

empresas constituídas em sociedade com outros grupos econômicos de grande porte. Neste caso, além da concentração da produção nacional de riqueza, as redes de coligadas que caracterizam o grupo econômico formam entre si uma rede de vínculos entre os grandes grupos econômicos e, portanto, permitem concentrar um grande número de decisões relevantes sobre as principais variáveis que definem a atividade econômica em um conjunto relativamente pequeno de *holdings* controladoras.

Tabela 01 – 20 Maiores Grupos Econômicos pela Receita Bruta

Grupo Econômico	Receita Bruta (em R\$ milhões)	Patrimônio Líquido (em R\$ milhões)
<i>Petrobras</i>	408.632	310.722
<i>Bradesco</i>	201.240	96.087
<i>Banco do Brasil</i>	182.901	80.613
<i>Itaú Unibanco</i>	178.079	96.848
<i>Caixa</i>	136.137	62.091
<i>J&F Investimentos</i>	132.210	26.214
<i>Odebrecht</i>	107.679	17.071
<i>Vale</i>	89.911	49.601
<i>Ambev</i>	80.214	43.645
<i>Santander</i>	76.009	58.462
<i>GPA</i>	72.804	14.482
<i>Ultra</i>	69.667	7.727
<i>Raízen</i>	65.093	11.380
<i>Telefônica</i>	52.603	44.950
<i>Gerdau</i>	47.867	33.255
<i>Claro</i>	47.103	17.550
<i>OI</i>	45.358	19.312
<i>Bunge</i>	40.122	11.703
<i>Cosan</i>	39.999	13.460
<i>Carrefour</i>	37.928	-

Fonte Valor(2015)

Quando adotado o critério de elencar os grandes grupos econômicos pelo patrimônio líquido, a principal característica da lista é a persistência de um conjunto relevante de ativos que compõem a estrutura de propriedade dos grandes grupos ao longo do tempo. A diferença fica por conta da mudança dos grupos controladores sobre os mesmos ativos, sobretudo em relação ao crescimento de alguns grupos econômicos pela aquisição de empresas, sobretudo públicas. Os efeitos da

política econômica brasileira na defesa dos grupos nacionais podem ser percebidos através da permanência de certos grupos econômicos entre os maiores ao longo de pelo menos três décadas. Neste sentido, a não incorporação pela indústria brasileira de setores tecnologicamente mais avançados – sobretudo aqueles que demonstraram maior dinamismo na década de oitenta – foi decisiva em não alterar de forma significativa o perfil dos grandes grupos econômicos, permanecendo majoritariamente focados em setores tradicionais.

O mapeamento da trajetória recente destes grupos permite analisar em conjunto o comportamento das grandes empresas e a seu papel na evolução da indústria brasileira durante o período em questão. Deste modo, o foco na evolução das estruturas produtivas típicas da economia brasileira permite um contraponto às análises focadas nas informações apresentadas pelos dados agregados. Permitindo assim, observar certas características apresentadas pela economia brasileira sob outro enfoque.

Diferente das análises convencionais sobre a indústria, a análise dos grupos econômicos foge também das unidades comumente utilizadas no estudo das estruturas produtivas, isto é, a firma ou, em polo oposto, o mercado. O grupo econômico representa uma estrutura que, para além da firma, consolida os vínculos de propriedade sobre ativos de diversas naturezas, e que afirma seu sentido a partir destes vínculos criados com outras instituições econômicas para a valorização destes ativos. Neste caso, o grupo econômico representa um fenômeno análogo ao processo de formação dos conglomerados industriais nas economias avançadas, porém contrariamente aos seus pares avançados com menor capacidade de demonstrar o mesmo dinamismo em relação às formas semelhantes, porém anteriores, de manifestação do mesmo processo.

Os grupos econômicos são assim uma unidade de análise distinta das adotadas pelas análises sobre a estrutura econômica, não se encontram nem como no conjunto das unidades tipicamente microeconômicas e também não representam agregados contábeis comuns na macroeconomia. Embora, os estudos sobre estas estruturas já serem de longa data, são particularmente esparsos, o que produz períodos pouco estudados sobre a evolução dos grupos econômicos brasileiros. Logo, a pesquisa busca analisar um dos períodos em que a evolução da estrutura dos grupos econômicos representa uma etapa importante para análise da evolução da economia brasileira em seu conjunto.

Igualmente, a elaboração da política industrial passa pela compreensão dos mecanismos responsáveis pela sua execução e pelos vínculos que relacionam estes mecanismos com o setor

privado. No caso particular da economia brasileira, os grupos econômicos são peças fundamentais dentro do desenvolvimento de uma política industrial, geralmente absorvendo grande parte dos estímulos sobre o setor produtivo. Este quadro serve de referência sobre os problemas em termos de análise acarretados pela falta de um esforço de estudo mais sistemático sobre os grandes grupos econômicos brasileiros. O acompanhamento e a elaboração de uma base referencial de dados sobre estas estruturas permitem sobretudo o planejamento de um esforço mais estruturado sobre o estudo da evolução dos grupos econômicos no Brasil.

2) História dos Grandes Grupos Brasileiros

As origens dos grandes grupos brasileiros têm em suas histórias origens bastante semelhantes. A grande maioria possui duas origens. As primeiras origens são de empresas que surgem do envolvimento parcial ou quase total do estado brasileiro. O segundo grupo é composto por empresas de origens familiares, principalmente de imigrantes paulistas, que a fundem e mantem seu controle, algumas até hoje. Na sua grande maioria as empresas de caractere familiar nascem após a crise de 29 e com a crise do café, que marca o fim do sistema brasileiro unicamente primário exportador.

Alguns exemplos das primeiras origens são empresas como Banco do Brasil, Caixa e Companhia Siderúrgica Nacional. A história da Companhia Siderúrgica Nacional por exemplo foi fundada devido a uma necessidade política no primeiro governo Vargas. Com o rápido crescimento econômico durante a década de 1950 principalmente devido ao forte investimento público que impulsionou a industrialização brasileira e fez com que se houvesse a necessidade da criação de certas indústrias com alta necessidade de investimento com ganhos de longuíssimos prazos, algo que até hoje é de aquisição bastante frágil no mercado privado. A Companhia Siderúrgica Nacional é uma figura chave desse período e é um marco da industrialização brasileira, criada em 1944 por Getúlio Vargas teve como objetivo preencher o gargalo da ausência de uma indústria de base, nesse caso o aço. A participação pública por sua vez deu origem a várias outras empresas em um processo semelhante a Companhia Siderúrgica Nacional, uma necessidade nacional criou várias outras empresas de setores bastante distintos, alguns exemplos dos grupos que analisaremos nos próximos capítulos são o Banco do Brasil, Caixa Econômico Federal e Vale do Rio Doce. No caso do Banco do Brasil e a Caixa Econômico Federal ambas foram criadas durante o império brasileiro devido a uma necessidade passada que surge com a independência brasileira e cria a necessidade de criar uma entidade que poderia financiar as necessidades da monarquia e também que exerceria a função de banco central (no caso do Banco do Brasil).

Analisando o caso das empresas familiares alguns exemplos seriam o Itaú, Unibanco, JBS e Odebrecht. No setor bancário surge através do setor privado o Itaú-Unibanco S.A. Holding formada pela fusão entre Itaú e Unibanco no final da primeira década do século 21. Ambas as empresas têm uma origem familiar, mais especificamente das famílias Morales de Souza do

Unibanco e Setúbal do Itaú. Ambas as famílias trabalhando em outros ramos, a priori, a Morales em varejo e Setubal na indústria têxtil diversificam seus ramos na primeira parte do século 20 para área bancária. No ano de 2008 as duas empresas se fundem para se tornar o maior grupo financeiro privado do hemisfério sul. A Odebrecht seguiu um percurso bastante similar a Unibanco e Itaú. A mesma também com origens familiares, fundada por Norberto Odebrecht em Salvador, a empresa começa no ramo de construção. Hoje a empresa atua em mais de 20 países e 5 continentes, além de ter expandido seus negócios para os mais variados ramos de atividades desde petroquímica a indústria de defesa. Por último a JBS foi fundada em 1953 por José Batista Sobrinho na cidade de Anápolis/Goiás e através de aquisições e investimentos se torna uma das maiores produtoras de carne do mundo, hoje atuando em 5 continentes e 21 países.

É de conhecimento geral que vários desses grandes grupos se tornam conglomerados brasileiro de grande impacto para o desenvolvimento nacional. Porém vale ressaltar que há diferenças claras entre os capitalistas brasileiros e aqueles de países desenvolvidos. José Carlos Miranda e Maria da Conceição Tavares enxergam a divergência entre os nossos glomerados na característica rentista-patrimonialista das mesmas.

No caso americano, os grandes bancos americanos desempenharam dois papéis na centralização dos grandes conglomerados. De um lado foram eles responsáveis por promover ações, lançar ações e promover fusões e aquisições. Sua segunda função foi lançar crédito necessário para circulação de capitais em todas as suas formas agrícolas, industriais e comerciais. Nos anos 70 instituições financeiras não bancárias ganham força nos processos de fusões e aquisições possibilitando uma maior sinergia do sistema e criando o que Tavares e Miranda chamam de capitalismo monopolista moderno. Isso quer dizer um sistema capitalista onde é possível conseguir sinergia entre os processos produtivos e serviços bancários com maior centralização de capital. Com a centralização é possível torna-los mais competitivos no cenário internacional, conquistando novos mercados através do maior dinamismo da integração das holdings formadas.

No sistema brasileiro os grandes grupos ainda são de grupos familiares locais ou de grupos internacionais adventício que exploram as políticas de estado. Mesmo com a formação de holdings, como no capitalismo monopolista moderno, não é promovido a expansão administrativo de cadeias integradas de produção ou a conquista de novo mercado internacionais. Para compreender melhor o por que os nossos grupos não conseguem alcançar o mesmo nível de desenvolvimento que os monopolistas modernos, é necessário fazer uma análise do século 20,

principalmente os momentos de maior variação que Tavares chama de “*momentos analíticos privilegiados*”. Os momentos são a década de 1930, o período 1864-1982 e a década de 1990.

A década de 30 com certeza foi um período chave para entender o capitalismo brasileiro contemporâneo. As turbulências globais do período fazem com que as regras do jogo se alterem de forma substancial, os principais eventos foram a crise da bolsa de 29, a saída do Brasil no sistema libra-ouro e a de pressão do preço do café. Todos esses fatores fazem com que o Brasil não consiga manter o sistema anterior primário-exportador.

As restrições de importações impostas devido à crise de 29 e a segunda guerra mundial criam várias oportunidades no Brasil, a burguesia de imigrantes paulistas por exemplo que não tinham vínculo como capital internacional ou do café são beneficiados dessas condições. Levando não só a condição de substituição de capital, mas também a não possibilidade de tomar empréstimos internacionais (devido à crise e guerra) e do capital do café (sucumbindo) estes novos capitalistas dependiam enormemente do crédito geral e industrial do Banco do Brasil e outros bancos nacionais.

Durante o período de 1930 a 1961 com o controle cambial executado pela CACEX (Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil) houve grande expansão e diversificação do capital brasileiro para suprir a necessidade interna. É nesse período que as grandes empresas familiares se constituem e várias delas com o mesmo dono, com o propósito de dispersão de risco, o que cria conglomerados informais. Apesar disso não é criado sistemas de sinergia Inter ou Intra setoriais. Vale ressaltar que as condições foram bastante favoráveis devido à grande quantidade de mão de obra barata no mercado, a não necessidade tecnológica e as restrições externas impostas a entrada que novos players no mercado.

O processo de substituição de importações, porém não teve apenas conquistas para o Brasil Tavares ressalta:

“Como era de se esperar, o processo de substituição de importações deu origem a uma série de assíncronas na estrutura produtiva brasileira: investimentos insuficientes em infraestrutura, excesso de capacidade nas indústrias têxteis, de material de transportes e elétrica, insuficiência de capacidade em bens intermediários, sobretudo na siderurgia e nas químicas básicas.”

Os fatores chave desses problemas foram oriundos da mesma condição que os deu possibilidade de florir, a restrição externa. Primeiro que a restrição externa impossibilita a conquista de

financiamento externo e a capacidade para importação de equipamentos e bens intermediários e segundo a grande expansão produtiva brasileira acaba esgotando espaço de mercado para se expandir. A crise de 1962/64 faz com que haja o esgotamento do financiamento via Banco do Brasil e outros bancos nacionais e criou problemas de financiamento corrente, criando as condições para o fim da primeira onda de industrialização pesada no Brasil pós anos 30.

As dificuldades de investimento foram superadas durante 1964-68 com as reformas monetário-financeiro na macroeconomia. Substituiu-se um sistema inflacionário aberto e endividamento externo ligado ao financiamento das importações e dos atrasos comerciais por um sistema com inflação alta, porém controlada, e financiamento externo com movimento autônomo de capitais. O sistema financeiro passa por modernização operacional, diversificação de seus instrumentos e especialização de suas funções. Há também a institucionalização do mercado de capitais que se inspira no mercado americano, porém não cumpre em sua totalidade funções clássicas de suporte à concentração e centralização do capital.

Os grupos econômicos brasileiros respondem a essas mudanças de diferentes formas dependendo de suas inserções setoriais. Os grupos industriais se utilizam da nova regulamentação de sociedade de capital aberto para consolidar suas posições de grupos econômicos e com essa mudança de capitais começaram a alcançar nas associações de empresas industriais, comerciais e financeiras que futuramente seriam as atuais holdings. Os bancos brasileiros também se aproveitam da abertura de capital, mesmo que através de brechas na lei brasileira que proíbe a participação acionária cruzada entre banco e empresas, para formar os atuais conglomerados financeiros nacionais. Apesar da vontade do governo brasileiro em criar bancos nacionais de investimento que poderiam suprir a necessidade interna de investimento, principalmente através da instrução 63 do Bacen, isso não ocorre. A forma de investimento da época ocorre com a criação de uma ponte onde a necessidade interna de investimento é suprida pela captação de crédito internacional pelos bancos nacionais. Dessa forma ocorre a associação entre o capital financeiro internacional via recursos externos e o capital bancário nacional, no qual o risco cambial é assumido pelos agentes monetários da época (Bacen e Banco do Brasil). O que nos leva a outro motivo do não dinamismo do capitalismo moderno encontrado nos países desenvolvidos, a centralização do capital financeiro no Brasil não faz a associação entre capital industrial e comercial sobre poder do capital bancário, não há, portanto, uma articulação definida entre os grupos financeiros e o comercial/industrial.

A desarticulação entre grupos financeiros e industriais nos leva a dois importantes pontos para entender a evolução patrimonial brasileira. Primeiro que os grupos financeiros se utilizam da política de estado captando recursos externos para financiar o investimento nacional a custo da dívida externa que é associada aos lucros bancários no que ficou conhecido como a “ciranda financeira” e que aumentou o crescimento das conglomerações financeiras. Segundo que após a crise da dívida externa fez com que houvesse uma revisão da participação de grupos financeiros em grupos industriais e comerciais, criando uma oportunidade de mitigação de riscos, porém já em um período de baixo dinamismo nacional.

Nos anos 80 uma economia altamente inflacionária faz com que os grupos industriais brasileiros começassem a comprar ou criar financeiras e bancos marcando a constituição de holdings. O intuito da criação ou compra de financeiras e bancos de acordo com Távare e Miranda foi:

“Uma economia altamente inflacionária, com moeda indexada e com um sistema financeiro sofisticado para operações de curtíssimo prazo, mas inoperante para o financiamento de longo, e sofrendo estagnação de seu mercado interno, tende a moldar estratégias microeconômicas de caráter rentista. ”

Em outras palavras foram utilizadas de forma a se proteger contra os riscos que o sistema se encontrava e foi feito de forma rentista. Pela primeira vez apareceu nos balanços das principais empresas industriais o resultado da parte financeira como mais relevante de suas operações. A financeirização dos grupos industriais brasileiros por esses motivos não é criada como forma de potencializar as holdings e associar os bancos de investimento com grupos industriais, mas é uma forma de rentista de usufruir do cenário econômico da época.

O último período de grande variação na dinâmica do sistema econômico foram as privatizações. De 1990 a 2002 foram vendidas 165 empresas. Entre as empresas vendidas havia grandes nomes como Usiminas, CSN, Embraer, Light, Vale, CPFL e sistema Telebrás e Banespa de forma a citar apenas alguns exemplos. Outra grande alteração para o sistema foi a abertura da economia brasileira no que se refere a balança de capitais e comercial. Entre 1990 a 2002 o aumento do volume do comércio brasileiro salta de 15% para 27%.

O último período de reestruturação patrimonial ocorre com a abertura comercial iniciada dos anos 90. A concorrência externa no mercado interno em um período de baixo dinamismo faz com que os grupos produtivos brasileiros se especializarem em setores específicos. O mercado

financeiro com a entrada de novos players e a liberalização da conta de capitais aumenta o risco de inadimplência dos tomadores em última instância de crédito externo, há, portanto, uma nova dinâmica de conglomerados mais restrita em setores e número de participantes que nos outros momentos analisados. O aumento das extensões das atividades dos grupos se dá apenas se houver espaço para crescer o core business de seus negócios ou através de oportunidades criadas pela privatização. As privatizações foram uma nova forma de entrarem em novos negócios de forma inédita com retorno imediato, possibilitando a valorização patrimonial. Pela primeira vez através de políticas de estado é possível uma associação entre grande capital nacional e empresas de bancos estrangeiros. Essa nova associação, porém, não veio a um custo zero, mas sobretudo, diretamente ligado ao patrimônio das empresas estaduais e empréstimos do BNDES. Apesar da nova associação dos grupos é importante destacar que antes das privatizações foram feitos avanços tecnológicos e de capacidade produtiva que tinham como propósito aumentar as externalidades para a área privada principalmente para as áreas de entretenimento e automação bancária além de criar demanda para indústria de eletrônica e bens de capitais. A privatização faz com que essas articulações fossem desmontadas e perdidas.

A oportunidade criada pelas privatizações porém é única e abre teoricamente espaço para restabelecer as regras de conduta da economia. O estado brasileiro tinha criado base para reestruturação e centralização do capital de grandes grupos privados nacionais capaz de avançar o capitalismo brasileiro com a nova política de “escolher os vencedores” nas privatizações. Porém com o aumento da concorrência internacional oligopolista e fragilidade do balanço de pagamento brasileiro esse projeto não foi efetivado.

Outra alteração nos grandes grupos com a abertura econômica dos anos 90 foram as mudanças de atividades industriais muito bem analisada na obra de Kupfer **“Mudança estrutural nas empresas e grupos líderes da economia brasileira na década de 90”**. Dos 30 maiores grupos em 1998 13 tinham como seu core business comanditeis, e vários grupos que inicialmente não eram ligados a commodities começaram a expandir para essa área. Isso nos demonstra clara diminuição do valor agregado por parte dos grandes grupos brasileiros nessa época. Ao que se refere as empresas produtoras de bens duráveis e não duráveis ocorreu a compra e avanço das multinacionais nessas áreas entre 1991-1997 49 empresas brasileiras de alimentação e bebidas, 24 empresas de comércio atacadista e varejista, 15 de material eletrônico, 17 de autopeças e 16 de produtos farmacêuticos foram adquiridos por empresas estrangeiras. Apesar de haver a compra não foi realizado uma desindustrialização, mas uma desnacionalização. Em termos

percentuais para demonstrar a dimensão do processo 96% das eletroeletrônicas, 82% do setor de alimentos e 74% das empresas de autopeças foram compradas.

Os setores mais intensivos em tecnologia foram adquiridos por grupos estrangeiros, Empresas como IBM, Microsoft e Intel diminuíram a sua verticalização integrada de seus processos produtivos e preferiram importar vários de seus componentes. No âmbito de eletrônica profissional só ficaram empresas ligados a automação bancária, empresas associadas aos grandes grupos estrangeiros em processos de montadoras de equipamento e aqueles que ofereciam serviços de multimídia por rede de televisão, televisão a cabo, radiodifusão e operação por satélite.

Apesar de um certo fracasso em manter as atividades tecnológicas em um patamar de produção nacional ideal os grandes grupos de construção civil acabam tomando um rumo bastante diferenciado que os demais grupos econômicos brasileiros. Desde a década de 80 os grandes grupos desse setor já tinham expandido suas atividades para o exterior especializando em construção civil, serviços de engenharia e montagem industrial. Além disso várias delas já tinham várias joint ventures com outros grupos estrangeiros no intuito de “ganhar” espaço frente as grandes concorrências internacionais. Além disso várias delas optaram por diversificar suas atividades para outros ramos de atividade como a petroquímica.

De forma geral pode-se resumir a estratégias dos grandes grupos brasileiros em 3 estratégias principais nos anos 90. A primeira estratégia é concentrar suas atividades no core business de seus negócios. Alguns exemplos são a Gerdau focando na siderurgia nacional, CPFL em energia e gás e Itaúsa concentrando no setor financeiro como setor chave. A segunda estratégia é formada por uma redução de conglomerado ou reforçar sua especialização em commodities e aqueles que aproveitam dos consórcios de privatização para reforçar sua especialização em telecomunicações/ou multimídia, mas perdem e saem como sócio minoritários das empresas privatizadas. No caso de telefonia celular, apesar de vários grupos nacionais disputarem esse ramo muitas acabam perdendo nesse ramo. A última estratégia é constituída por diversificação radical, para indústria têxtil e do vestuário, siderurgia, mineração não metálica, serviços de infraestrutura e energia elétrica. Essa estratégia é a única que cria um conglomerado diversificado apesar que nesse caso é identificado um único grupo.

Os resultados da tentativa do estado brasileiro em reestruturar a econômica brasileira em verdadeiros grupos econômico-financeiros no Brasil foi um fracasso. As oportunidades criadas

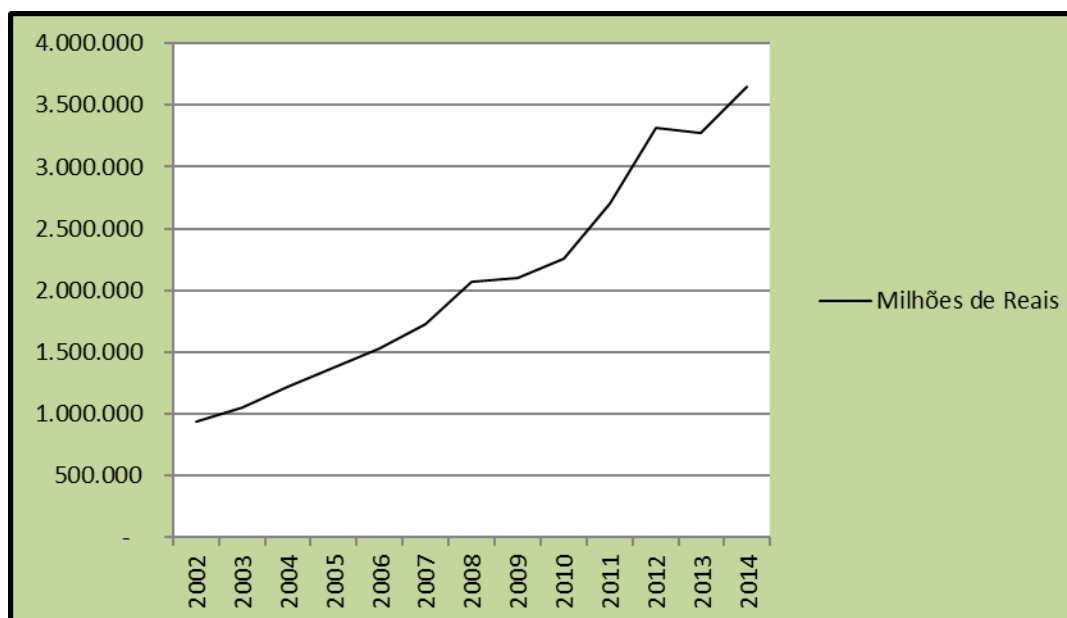
no processo de privatização foram mais bem aproveitadas para aquelas que se reforçam seu core business em commodities (siderurgia e petroquímica) ou que entram para engenharia e construção civil na exploração dos serviços de infraestrutura. As criações de grupos financeiros/industriais não são formadas e grande parte da nossa indústria de bens duráveis e semiduráveis acabam sendo desnacionalizados e algumas externalidades que foram criadas na década de 80 cessam de existir.

3) Análise Geral e Importância do grupo dos 200 maiores

No terceiro capítulo será estudado uma visão geral dos maiores grupos econômicos brasileiros. Todos os dados seguintes foram obtidos através de uma coleta de dados da revista Grandes Grupos publicada anualmente pela Exame durante de 2002 até sua última publicação em 2015. O motivo de se analisar tais grupos é devido a sua grande magnitude e importância para economia brasileira, isso fica bem claro com os gráficos abaixo. O gráfico 1 nos mostra a grandeza sob a ótica da receita bruta das 200 empresas analisadas, atingindo em 2015 valores acima de 3.5 trilhões de reais, um valor bastante considerável e respeitável.

O crescimento das grandes empresas durante os anos analisados foi contínuo durante quase todos os anos analisados, sempre apresentando desempenho positivo menos em 2009 e 2012 que houve queda. Pode ser entendido por uma certa estabilidade do crescimento brasileiro durante os anos de 2002 a 2014 e a não reflexão ainda da crise que estará por vir nos indicadores futuros. A crise global de 2008 que adveio da crise dos subprimes impactou a economia brasileira, porém de forma mais branda do que nos centros capitalistas (América do Norte e Europa). Com isso o crescimento das empresas e do PIB são sempre positivas, com a exceção do ano de 2009 que fecha com -0.2% o PIB. O que pode ser facilmente visualizado no gráfico 1. Apesar de ocorrer uma piora na situação econômica atual nos últimos 2 anos os impactos ainda não podem ser percebidos nos anos analisados, lembrando que o último ano analisado o aumento do PIB foi na ordem de 0,1% e não reflete a recessão de 2015 e 2016.

Gráfico 1 - Receita Bruta dos 200 Maiores Grupos

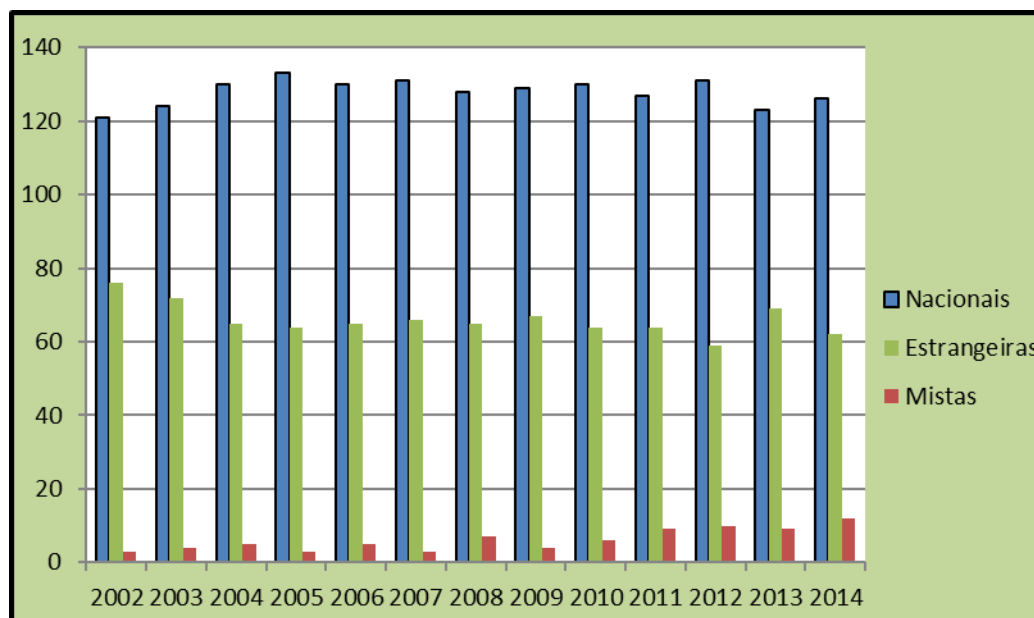


Fonte (Valor Grandes Grupos 2003-2015)

Entre o grupo selecionado a origem de capital foram predominantemente nacionais durante todo o período analisado (gráfico 2). As mais bem colocadas no último, considerando as top 10, sendo sempre empresas brasileiras (Petrobrás, Bradesco, Banco do Brasil, Itaúsa, Caixa, J&F Investimentos, Odebrecht, com a Petrobrás liderando o grupo todos os anos sendo que há apenas 1 estrangeira (Santander) e a Ambev que é mista devido a nova empresa criada em 2006 com a Interbrew (Bélgica) e futuramente com a compra da Budweiser americana. Quando consideramos as 20 maiores a proporção muda consideravelmente para uma proporção mais distribuída com 12 brasileiras, 4 estrangeiras e 4 mistas.

O número de empresas de capital estrangeiro dentro as 200 maiores apresentam leve queda enquanto empresas de capital misto aumentam junto as nacionais. Porém são alterações pouco significativas como se pode perceber com o gráfico abaixo. No último ano analisado (2014) do total de 200 empresas 126 são brasileiras, 62 são estrangeiras e 12 são mistas.

Gráfico 2 - Número de grupos por Origem do Capital entre as 200 maiores



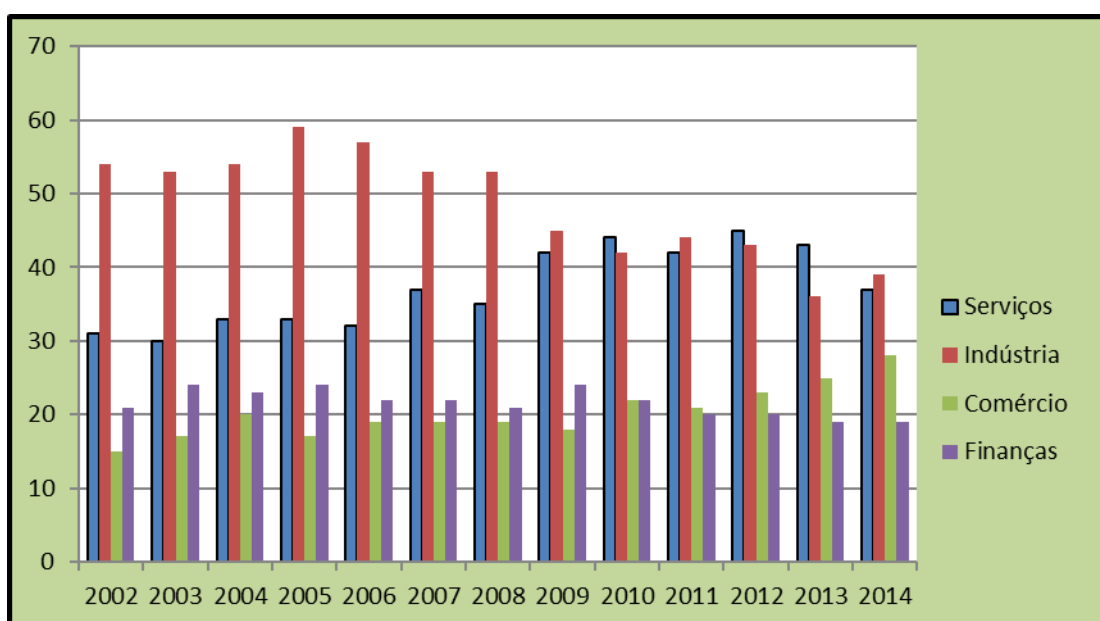
Fonte (Valor Grandes Grupos 2003-2015)

Analisando por áreas de negócio (Indústria, Comércio, Serviços e Finanças) empresas de áreas industriais nacionais perdem espaço enquanto ocorre um aumento das atividades de serviços e comércio. Uma tendência bastante geral da produção brasileira ocorre com um aumento do peso do setor de serviços e a queda do setor industrial. O gráfico 2 demonstra como a liderança das empresas industriais em 2002 cedem espaço para as de serviço. Em 2002 a base apresentava 54 grupos industriais enquanto grupos de serviço eram 31, nos anos de 2011 a 2013, porém as empresas industriais perdem a liderança para as empresas de serviços. Outro ponto importante de notar é a participação dos grupos financeiros, que apesar de terem um número menor que os outros setores sempre apresentam empresas líderes nas 200 analisados, sendo que, entre as 10 maiores 6 são financeiras. Essa informação nos demonstra que apesar de ser um número inferior isso só se dá devido a centralização dos bancos brasileiros nas últimas duas décadas e não significa que possuem menor importância que os demais grupos.

Na área de comércio ocorre um aumento considerável e o maior considerando o aumento proporcional. De 2002 a 2014 houve um aumento de 80% de empresas comerciais nas maiores

200, em outras palavras, passa de 15 em 2002 para 28 em 2014. Por último, as empresas financeiras mantêm durante os anos analisados um patamar bastante igual e de pouca variação sempre entre 20 empresas com leve queda contínua nos últimos anos.

Gráfico 2 – Número de grupos nacionais por Área de Atividade



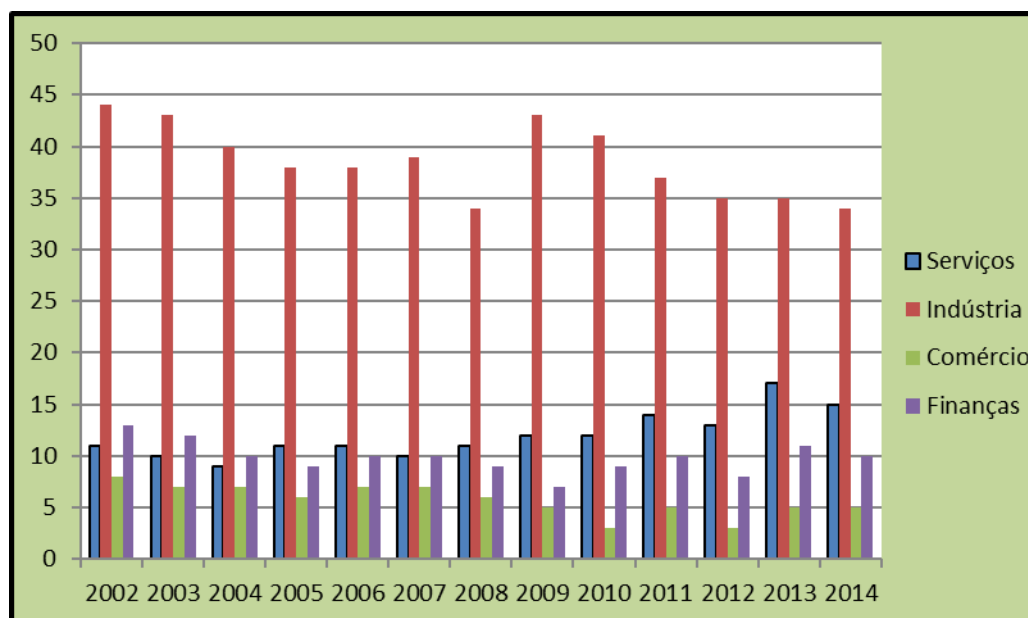
Fonte (Valor Grandes Grupos 2003-2015)

As empresas estrangeiras seguem um padrão um pouco semelhante às empresas nacionais. Durante os anos analisados fica claro a diminuição de grupos industriais e um aumento de grupos de serviço. Vale destacar, porém, que de forma diferente das nacionais as estrangeiras sempre possuem um maior número de empresas industriais durante todo o período e são predominantes sempre com números maiores que a soma de todas as outras áreas de atuação.

Grupos estrangeiros focados em finanças também seguem de forma estável nos 12 anos. Em média durante os anos analisados a área de finanças ficou com 10 empresas. Empresas de comércio por sua vez são as menos preferidas por grupos estrangeiros. Enquanto o número de empresas nacionais de comércio têm aumentado consideravelmente as estrangeiras fluem em direção oposta. Mesmo com um número bastante reduzido de 8 no primeiro ano analisado os

demais anos são sempre inferiores a esse número e a média dos últimos 4 anos é de apenas 4, ou seja, cai em 50%.

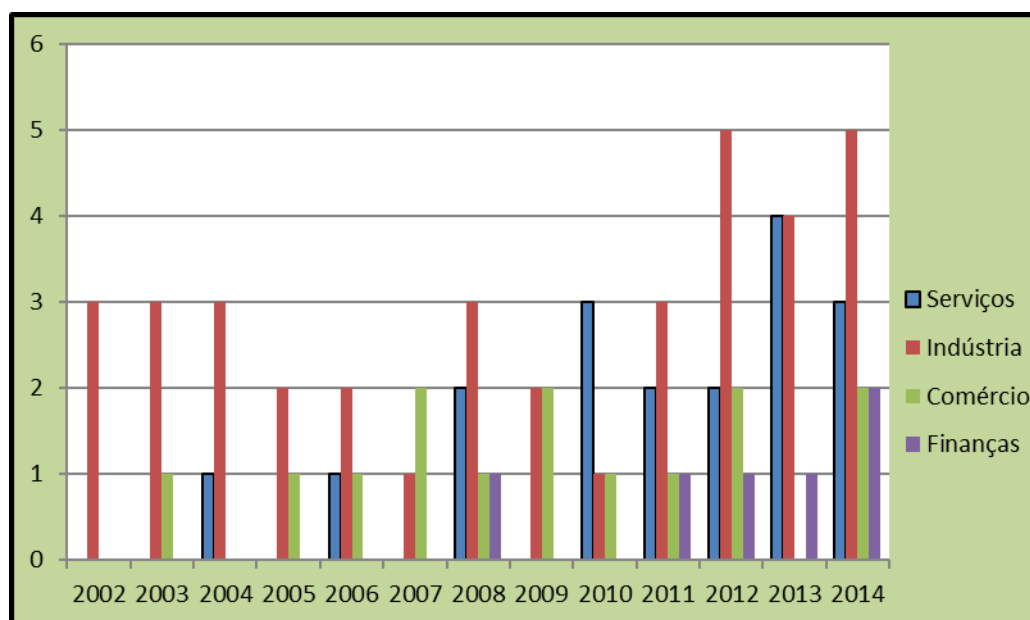
Gráfico 3 - Número de grupos Estrangeiros por Área de Atividade



Fonte (Valor Grandes Grupos 2003-2015)

O aumento das empresas mistas no Brasil tem sido progressivo desde o primeiro ano analisado que passa de 3 empresas e chega a atingir 12 no último ano. Muitas são consequências de fusões e aquisições, por exemplo, o caso AmBev que constitui a Anheuser-Busch Inbev, a compra do pão de açúcar pela rede francesa Casino e a participação das ações da Ecorodovias pela a Impregilo. De forma com um grau de semelhança as empresas estrangeiras, as mistas possuem uma tendência a sempre terem um numero maior de empresas industriais. De forma geral todos os 4 setores tem aumentado de numero, mesmo que seja numericamente menor que as outras o seu crescimento proporcional é mais acentuado.

Gráfico 4 - Número de grupos mistos por Área de Atividade



Fonte (Valor Grandes Grupos 2003-2015)

4) Empresas selecionadas

Por último explicarei as Estratégias de expansão e de investimentos de um grupo restrito de empresas nacionais. Estas foram selecionadas de acordo com suas receitas brutas no ano de 2012 e suas áreas de atuações. Foi buscado diversificar as empresas de forma a ser mais sucinto e direto possível, pois o número de empresas é demasiadamente grande para analisar todas com um olhar mais focado. As empresas escolhidas foram no total 15, sendo elas Petrobras, Vale S.A, Itaúsa, Votorantim, Eletrobrás, Bradesco, Odebrecht, JBS, Oi/Telemar, BRFoods, Cosan, CPFL, CSN, Camargo Corrêa e Embraer.

4.1) Petrobras

Liderando os grupos durante todos os anos analisados a Petrobras se destaca como sendo aquela com maior receita bruta. Nos últimos anos a Petrobras tem buscado aumentar sua participação na produção nacional. Em 2012, por exemplo, foi aprovado a incorporação da Petroquisa na Petrobras. No mesmo ano foi também aprovado por parte dos acionistas da Petrobras a cisão parcial da BRK Investimentos Petroquímicos empresa que faz parte do bloco de controle da Braskem.

Outra estratégia tem sido a diversificação da produção, especialmente para a área de fertilizantes, outras formas de produção elétrica (entre elas hidroelétricas, eólicas e termoeletricas) e com a participação acionária de outras empresas ligadas a energia (Usina termelétrica Norte Fluminense, Termoelétrica Potiguar).

A empresa tem buscado aumentar sua internacionalização, com foco para a América do Sul, África e Ásia. Os países mais beneficiados que receberam investimentos da empresa foram à Nigéria, Angola, Argentina, Venezuela e Japão somando cerca de 10.4 milhões de dólares em investimento nos setores de Óleo de gás, bioenergia refino e distribuição de combustíveis e fertilizantes.

Apesar do crescimento das receitas da Petrobrás serem positivos, com exceção do ano de 2009, é importante deixar claro a nova tendência da crise de 2015-2016 que pode ser notado em seu lucro líquido que em 2014 foi de -21.924 milhões de reais, entre as 10 primeiras empresas foi a única que apresenta lucro líquido negativo.

4.2) Vale S.A.

A empresa apresenta uma estratégia de aquisição de outras mineradoras brasileiras após a sua privatização. Com isso tem conseguido a liderança e diversificação de suas atividades que englobam a indústria extrativa. A mesma tem também diversificado desenvolvendo empresas para proporcionar infraestrutura para seus negócios principais, por exemplo, construção de empresas de logística e energia.

A início da última década proporcionou preços altos de commodities que foram bem usufruídos pela Vale na internacionalização de suas atividades. Sua estratégia foi aumentar os ativos estratégicos em mineração e aproximar de outras empresas internacionais entre elas a Korea Niquel Corporation, Vale Minerais e a Thyssen-Krupp.

Os seus projetos internacionais com investimento no exterior se comporta de forma semelhante ao da Petrobras, concentrando se na América do Sul, África e Ásia. Os países mais beneficiados foram à Malásia, Nova Caledônia, Moçambique, Canadá, Peru e Omã totalizando cerca de 11,6 milhões de dólares. Os setores investidos foram principalmente Mineração, siderurgia e química básica.

Em relação ao seu desempenho no que se refere ao crescimento da receita bruta, Patrimônio líquido, Lucro líquido e rentabilidade todos apresentou crescimento durante o período, tirando e claro o ano de 2009 que tem forte queda de -31.5% de sua receita devido ao impacto da crise global. Porém em 2010 a receita bruta junto com os outros indicadores volta ao normal.

4.3) Itaúsa

A empresa Itaúsa Investimento S.A. tem origem na fusão entre os grupos Banco Itaú e Banco Unibanco sob a marca Itaú. A fusão consolidou uma das maiores empresas nacionais sendo que em 2011 situa-se em relação a sua receita bruta na terceira posição com 306,234 milhões de reais.

Nos últimos anos a empresas tem buscado aumentar sua diversificação além de atividades financeiras. Esta diversificação não financeira foi em grande parte no setor da indústria de transformação em matérias de construção através da subsidiária Duratex e na tecnologia de informação com a Itautec S.A., na indústria química com a Elekeiroz e no setor de serviços.

No exterior os investimentos estrangeiros foram centrados principalmente na América Latina (Peru, Chile, Colômbia, Uruguai, Argentina e Paraguai) Reino Unido e China totalizando um investimento de 544,7 milhões de reais.

Observando a ranking geral das empresas nos anos analisados vale destacar que sua posição entre as maiores empresas é quase constante na quarta posição entre os anos analisados. De forma geral seus índices apresentaram algumas variações em alguns anos, principalmente picos na rentabilidade, porém pode-se afirmar que houve um desenvolvimento contínuo da Itaúsa durante esses anos.

4.4) Eletrobrás

A Eletrobrás diferentemente da maioria dos outros grupos analisados tem um desempenho pobre. Ela inicia em quinto lugar em relação à receita bruta e termina em 2014 caindo para o vigésimo osegundo lugar. Comparado as outras empresas a Eletrobrás apresenta forte decaimento nos anos analisados, apresentando uma situação atípica dentre as 15 analisadas. Um dos motivos seria a não participação dos grandes planos de capitalização das empresas publicas (Petrobras e BNDES).

Atuando na área de energia elétrica está compõe um dos grupos de grande relevância quando se refere aos investimentos no Brasil. À empresa pouco apresenta de diversificação durante o período em estudo se mantendo nas áreas de geração, transmissão e distribuição. Na parte de geração possui diversas hidroelétricas, termoelétricas e 2 termonucleares. Nos últimos anos também tem diversificado para energia eólica e sempre se mantendo ao seu ramo central, eletricidade.

A internacionalização da empresa ainda é em grande parte restrita, apesar de informações recentes da intenção de expansão para países latino americanos (Nicarágua, Panamá, Peru e Uruguai). O investimento estrangeiro totalizou 2.333,7 milhões de reais a maior parte no Peru (2021,1 milhões) e menor pare no Panamá e Uruguai.

4.5) Votorantim

O grupo Votorantim se posiciona entre os maiores grupos de capital nacional privado. No último ano analisado o grupo se posiciona em vigésimo terceiro lugar com uma receita bruta de 33.469 milhões de reais. A empresa já apresentava uma diversificação e internacionalização abrangente muito antes do período deste estudo remetendo aos anos 80. Algumas das áreas são cimento, metalurgia, química, minerais não metálicos, celulose, aço, papel, celulose, construção entre outras.

Com a crise de 2009, porém a empresa se viu obrigada a estreitar suas bases de atuação, uma tendência de estratégia que já vinha sendo feito desde a década de 90. Por causa de sua estratégia a empresa deixou de atuar na área da indústria química vendendo a Nitro Químicas S.A. Ao mesmo tempo a empresa aumenta sua atuação em áreas mais “familiares” que são do setor de cimento e mineração nos últimos anos, aumentando sua verticalização produtiva.

O grupo tem atuado com a mesma lógica centralizadora de setores no âmbito internacional. Foi feito a aquisição de minas e cimenteiras não só no Brasil, mas no Peru, Argentina, Estados Unidos, Canadá, Bolívia, Uruguai e Chile. A Votorantim também expandiu seus negócios de produção de zinco e níquel nos Estados Unidos e Colômbia. Investimentos estrangeiros somaram 4452,9 milhões de reais na Colômbia, Peru, Estados Unidos, Argentina e China.

4.6) Bradesco

A Bradesco é uma das mais importantes empresas no setor financeiro situando em primeiro lugar nesse setor em 7 dos 10 anos. Além disso, perde em receita bruta apenas para Petrobras nos anos que não é a primeira colocada no setor financeiro. A empresa se empenhou mais na sua atividade principal que é a financeira.

A diversificação em suas atividades financeiras é responsável pelo crescimento da mesma. Além da holding banco Bradesco S.A. ela controla a Bradespar, Valepar, CPFL Energia, Bradesco Seguros, Bradesco Saúde S.A e várias participações em outras empresas. Apesar de sua estratégia ser mais focada na área financeira ela ainda possui atividades em outras áreas.

Em sua internacionalização a Bradesco é bastante restrita sendo que seus principais projetos de investimento no exterior totalizaram apenas 138,3 milhões de reais, em apenas 5 países Japão, Hong Kong, Reino Unido Emirados Árabes e Luxemburgo. Suas atividades no estrangeiro ficam então concentradas em centros financeiros, como pode ser visto nos países acima.

4.7) Odebrecht

A Odebrecht atuou entre as maiores empresas da área industrial nos últimos anos. Em relação a sua classificação de receita bruta o grupo apresenta um aumento considerável de décimo quinto em 2002 para sétimo lugar em 2014. A empresa apresentou liderança em diversas áreas como, por exemplo, construção civil, petroquímica, construção naval e outras. Em 2011 é a terceira maior empresa da área industrial ficando atrás apenas da Petrobras e Vale S.A. com uma receita bruta de 71,009. 2 milhões de reais.

Nos últimos anos sua estratégia tem apresentado grande esforços na diversificação de uma empresa que já era bastante diversificada. Em 2010 abriu outros ramos para suas atividades com Odebrecht Energia e Odebrecht Defesa e Tecnologia S.A. entrando no negocio de energia, principalmente na produção de energia elétrica com hidroelétricas e parques eólicos, e também na área de defesa que nos últimos anos adquiriu a Mectron começando a produção de mísseis e desenvolvimento de aniônicos, radares e satélites. Além disso, foi feito joint ventures com outras grandes empresas principalmente com a European Aeronautic Defense and Space Company (EADS).

No âmbito internacional a empresa já trabalha a décadas em outros países. A empresa já atuava na América Latina, África, Oriente Médio e Europa na área de construção civil. Nos últimos anos ela tem expandido seus negócios principalmente para a América Latina no Equador, México, Peru, Venezuela e Bolívia totalizando 8,720 milhões de reais nos anos analisados. Além destes foi também investido nos Países Baixos, Alemanha e Tanzânia. As áreas de atuação no estrangeiro são principalmente na Petroquímica, Química Básica e Hidroeletricidade no caso do Equador.

È muito importante notar que apesar de uma série analisada entre 2002 e 2014 bastante favoráveis para a Odebrecht as investigações que seguem em andamento desde 2015 têm apresentado um impacto forte nos resultados da mesma. Em 2015 por exemplo, a empresa liberou seu balanço com lucro líquida 50% menor que o ano passado, o que possivelmente fara com que sua posição nos próximos rankings caia consideravelmente.

4.8) JBS

O grupo JBS conseguiu em 2006 lugar entre as 200 maiores empresas. Embora entre no ranking de forma tardia tem se mostrado um dos grupos com maior ascensão nos últimos anos chegando a ser quinta colocada em receita bruta no ano de 2010, seu ranking mais alto na série . Um dos motivos para tamanha alavancagem foi à fusão entre os grupos Friboi e Bertin no ano de 2009.

Durante os anos analisados a empresa tem pouca diversificadas fora de sua área de atuação, apenas recentemente deu indícios que vai atuar no setor financeiro para credito na produção rural. Em geral sua maior diversificação foi na incorporação dos negócios do grupo Bertin. No mercado brasileiro tem se aprofundado no abate e processamento da carne bovina.

Sua internacionalização é privilegiada com a incorporação da Bertin uma vez que a sua internacionalização já estava presente. Porém, antes de 2006 já havia adquirido participação acionária em mercados estratégico na América do Sul, Estados Unidos, Europa, Austrália e China. Nos últimos anos tem investido 841,5 milhões de reais sendo a localização principal destes nos Estados Unidos com 637,5 milhões, mas também na Rússia. Argentina e Austrália.

4.9) Oi/Telemar

A empresa Oi S.A. é uma das maiores empresas brasileiras que atua no setor de serviços, classificando em segundo lugar durante quase todos os anos pesquisados. Em 2011 alcançou 43,867. 8 milhões de reais em receita bruta. A Oi no início da década passada passou por uma reestruturação adquirindo subsidiárias e empresas criadas durante a privatização.

Para a Oi sua estratégia foi o processo de concentração a partir de 2000. Houve diversificação de suas atividades com o surgimento de novos produtos na área de telefonia e informação. A partir de 2004 a Oi foi liberada para proporcionar serviços de telefonia moveis e internet banda larga. Outra estratégia foi a sua fusão com a Brasil Telecom em 2008 com a Telemar centralizando os ativos na Oi S.A.

Durante o período a empresa apresentou investimentos principalmente para Colômbia e Venezuela. O total de investimentos foi de 520,7 milhões de reais, nas áreas de tecnologia da informação. A internacionalização, porém, é bastante restringida em poucos países da América do Sul na área de serviços financeiros e de transmissão de dados.

4.10) BR Foods

A Brasil Foods S.A. é um conglomerado brasileiro que trabalha na área de produtos alimentícios e proteínas animais. A empresa é bastante recente sendo criada pela fusão entre a Sadia S.A. e a Perdigão S.A. ambas empresas bastante antigas que atuavam há mais de meio século na área de alimentos. A nova empresa se classificou no vigésimo primeiro lugar em 2011 com uma receita bruta de 293,603 milhões de reais.

A diversificação da empresa tem vindo principalmente da união entre as várias atividades que a Perdigão e a Sadia já atuavam. As atividades são todas acima da indústria alimentícia na produção carnes (todos os processos), frios, lácteos e margarinas. De forma geral a empresa não tem expandido para além de sua atividade primária.

De forma semelhante a outras empresas do grupo selecionado ambas as empresas originárias (Perdigão e Sadia) apresentavam processo de internacionalização que foi incorporado na nova empresa. A empresa tem concentrado principalmente na Europa e Oriente Médio, mas já tem projetos de expansão na Argentina e China, como na produção nacional também se restringe a área de alimentos (no caso na construção de pontos de distribuição). O investimento estrangeiro acumulado nos últimos 10 anos foi de 340,1 milhões de dólares nos Emirados Árabes, Rússia, Países Baixos, Áustria, Japão e Portugal.

4.11) COSAN

A Cosan empresa que atua na área de energia e infraestrutura conseguiu nos últimos anos um crescimento bastante expressivo subindo várias posições no ranking de receita bruta durante 2002-2011. A empresa no primeiro ano classificava em centésimo nono lugar e passa para vigésimo segundo em 2011. Sua estratégia especialmente nos últimos 5 anos é chave para compreender esse progresso.

Uma das principais ações que alavanca a posição da empresa foi à incorporação das empresas Rezende Barbosa, Exxon-Mobil e Radar Propriedades Agrícolas S.A no ano de 2008. Tais aquisições não só aumentam o tamanho da empresa, mas proporciona diversidade empresarial em novas áreas, no caso tratado lubrificantes automotivos e industriais (para a Exxon-Mobil). Em 2009 a empresa com a aquisição de outras empresas aumenta sua produção/diversidade na área de alimentos além de sua produção já estabelecida na área de energia (cana-de-açúcar) voltado para o etanol. Outra parte de sua estratégia foi no antepenúltimo ano um joint venture com a Shell na área de produção de etanol, garantindo posição de maior produtora mundial e consequentemente aumentando sua participação em sua área originária (bioenergia).

No âmbito da internacionalização da empresa a mesma iniciou o seu processo de internacionalização principalmente devido a Raízen, que surgiu do joint venture Shell/Cosan. A área de atuação como já foi apontado é para área de Bioenergia e Distribuição de Combustíveis. A mesma já possui operações no mercado europeu devido à compra da Comma Oil e também da compra de outras unidades na América do Sul no Uruguai, Bolívia e Paraguai. Por enquanto devido à fase ainda precoce da internacionalização ainda possui planos para atuar em outras regiões com a Raizen, entre eles os Estados Unidos e Ásia. E por fim tem com a união da Camil Alimentos expandiu seus negócios para o Chile e Uruguai, no setor da Camil de alimentos.

4.12) CPFL

A CPFL é uma das maiores empresas no setor energético, atuante nas áreas de distribuição, geração e comercialização. A empresa nasceu poucos anos antes do período analisado (2002-2011) sendo formada a partir da incorporação da Companhia Paulista de Força e Luz e a Companhia Elétrica de São Paulo (Cesp) formando em 2011 uma das 5 maiores empresas de energia brasileira com receita bruta de 18.866,0 milhões de reais.

Na última década a estratégia da empresa esteve mais centrada na extensão de sua atividade principal, energia, no Brasil. Com este intuito no início da última década adquiriu o controle da Empresa Bandeirante de Energia e Companhia Energética Rio das Antas. A CPFL também adquiriu ativos da Foz do Chapecó Energia, Campos Novos Energia e Energética Barra Grande. Além da compra também vem investindo em maior produção elétrica com a construção de duas novas usinas hidrelétricas. Em relação à diversidade de setor a empresa mantém nos últimos anos ligados a indústria de utilidade (Geração de eletricidade e Distribuição). A internacionalização da CPFL ainda está em fase de crescimento, sendo ainda bastante restringida à comercialização de energia elétricas com vizinhos brasileiros, através da CPFL Cone Sul.

No caso da CPFL como a série histórica vai até do ano de 2014 engloba a mesma como empresa nacional, porém no ano de 2016 a empresa é assumida pela China State Grid devido a uma venda majoritária por parte da Previ e FIA.

4.13) CSN

A Companhia Siderúrgica Nacional tem um papel muito importante para a pesquisa, pois além de ser uma das grandes empresas brasileiras, maior indústria siderúrgica brasileira e uma das maiores do mundo, foi uma das grandes empresas privatizadas na década de 90. Além de siderurgia a empresa atua em mineração, cimento, logística e energia.

Nos últimos anos a estratégia em relação à siderurgia tem sido diversificar em novos produtos, nos últimos anos aços planos e a compra da Stahlwerk Thüringen GmbH (SWT) produtora de aço Alemã. Diversificando para produção de cimento em 2009 com a fábrica da CSN Cimentos devido à sinergia de seus negócios com esta área, verticalizando sua produção. Em mineração a CSN tem buscado aumentar a sua mineração de ferro na mina de Casa de Pedra e Namisa, uma vez que, a partir de 2007 com a controlada NAMISA passa a comercializar o minério de ferro no mercado transoceânico, e aumentou a extração de níquel utilizado na produção de cimento. Em escala menor, associou em consórcios de exploração de usinas hidroelétricas, novamente, por causa da grande demanda que a esta possui em seu ramo principal.

4.14) Camargo Corrêa

Empresa de longa história participando entre o grupo das maiores empresas desde o milagre econômico brasileiro. Semelhantemente com a Odebrecht a empresa atua em diversas áreas, sendo elas cimento concessões de energética, Siderurgia, Operações aeroportuárias e navais, calçados, engenharia e construção e Incorporação. Seu negócio com maior receita em 2012 foi Engenharia e Construção seguido de Concessões de Energia e transporte, Cimentos e vestuário/calçado.

Para a Camargo Corrêa nos anos da pesquisa sua estratégia vem sendo a ampliação dentro das suas áreas que já atua nas áreas de construção civil. Suas obras são diversas alguns exemplos nos últimos anos são parte da Linha 4 do Metrô de São Paulo, Gasoduto Bolívia-Brasil (Gasbol), várias hidroelétricas, rodovias, barragens, pontes etc. Na indústria naval a mesa também tem ampliado sua participação, o mercado alvo tem sido em atender as demandas oferecidas pela Petrobras devido as suas operações offshore.

A internacionalização da empresa foi uma das mais diversificadas atuando em quase todas áreas que atua no Brasil e ampliando para logística e Óleo e Gás. A Camargo Corrêa tem atuado nas Américas, África e Europa. O total investido nos últimos anos foi de 905,6 milhões de dólares, um ponto importante de sua estratégia de internacionalização é a ênfase dada para o continente africano em especial a Angola que recebe quase metade, 400 milhões de dólares nos últimos anos, nas áreas de Cimento e Construção civil. Os outros países mais investidos foram a Argentina com 300 milhões e no mesmo setor que a Angola e Paraguai no setor de cimento. Os demais países foram Estados Unidos, França, Itália, Portugal, Reino Unido e Espanha todos os investimentos foram nas áreas de calçados.

4.15) Embraer

A Embraer foi uma das grandes empresas brasileiras a ser privatizado durante os anos 90. A empresa que passava por dificuldades foi vendida a consórcio para alguns fundos de investimentos nacionais e estrangeiros. Em 2005 a empresa se torna uma empresa aberta de capital pulverizado após uma reestruturação acionária com cerca de 57% das ações a livre negociação no mercado, o que alavanca o investimento da empresa. Porém a crise internacional junto com a dificuldade que a empresa já apresentava fez o período em questão (2002-2011) tivesse um resultado baixo com a empresa retraindo em receita bruta e patrimônio líquido.

A estratégia da empresa vêm sendo ampliar sua presença em sua área primária, que é a aero aeroespacial. Entre os empreendimentos da empresa nos últimos a maior foi em 2004 com a confirmação definitiva na área de aviação executiva com as novas aeronaves EMBRAER 170/190, além da expansão de suas operações na oferta de serviços de aviação. A Embraer também aumentou seus negócios com aquisições e joint ventures com outras multinacionais, sendo que uma de duas estratégias para diversidade produtiva tem sido na aviação militar. Entre as aquisições foi a portuguesa Litral Estruturas Metálicas e nas joint ventures a Lockheed Martin (na área de aviação militar), Zodiac aerospace e a Augusta Westland (aviação militar e de helicópteros civis).

No âmbito internacional a empresa tem investido de forma pouco concentrada em uma região em específico. Os países recém-investidos nos últimos anos foram Portugal, Estados Unidos, China, México, Singapura, Emirados Árabes e Kenya. O total investido foi 777.2 milhões de dólares sendo os mais beneficiados sendo Portugal, Estados Unidos e China. A estratégia tem sido investir na sua presença Global aumentando suas unidades operacionais em diversas cidades (alguns exemplos são Beijing, Harbin, Nashville, Villepinte, Alverca, Évora etc.) investidas.

5) Conclusão

Mesmo após um período de privatizações e mudanças profundos no sistema econômico brasileiro, ao analisar os maiores grupos econômicos brasileiros percebe-se uma clara permanência dos grupos nacionais nos 200 maiores grupos, e vale ressaltar, uma pequena caída de empresas estrangeiras e o aumento de mistas. Um dos pontos principais da pesquisa dos dados a respeito dos 200 maiores grupos foram a diferença entre as áreas de atuação. Para as empresas estrangeiras é claro que a principal área é a industrial enquanto que na nacional ocorre a caída de empresas industriais e aumento da de serviços.

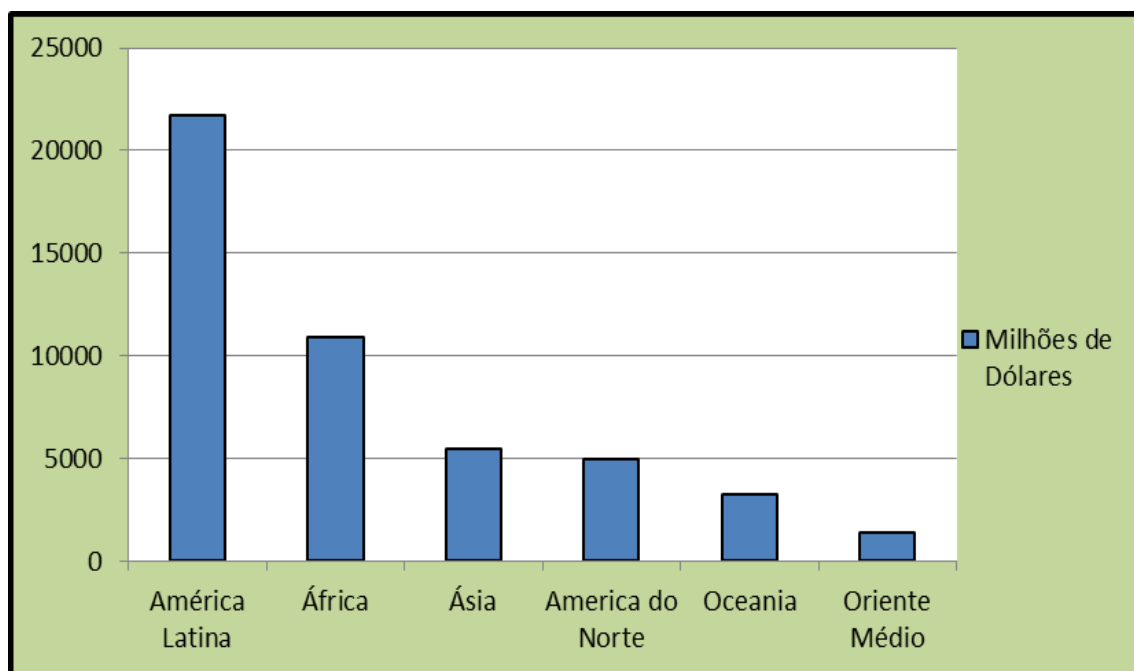
De forma geral os anos analisados foram um tempo de crescimento e estabilidade para a economia brasileira. Comparado com a situação antes dos anos 90, as maiores mudanças foram uma nova realidade globalizada, com um macroeconômico estável, a volta do investimento das empresas e reestruturação entre empresas públicas e privadas (privatizações). . Porém os sinais para as próximas séries nos anos de 2016 e 2017 com certeza marcarão o fim desse período de crescimento, como falamos na análise de algumas empresas a recessão já têm seus primeiros sinais em alguns indicadores, principalmente lucro líquido em 2014.

Para enfrentar a nova estrutura formada nos 90 os grupos têm utilizado várias combinações de estratégias. A primeira foi de aumentar sua capacidade nacional. Para conseguir isso os grupos operaram de duas formas, a primeira como foi o caso da BRFoods S.A., Ambev e a JBS foi a fusão de grandes grupos da mesma área. O resultado da união das empresas tornou as mesmas as líderes em suas áreas de atuação. Além da fusão outras utilizaram a compra de ativos de outras empresas ou outras empresas, criando holdings maiores. E por fim claro, o aumento do investimento em novos negócios no Brasil.

A segunda estratégia foi conseguir uma maior diversificação empresarial, ou seja, diversificar seus produtos. Todas as empresas analisadas apresentaram diversificação, o que distingue uma de outra seria o seu grau. Por exemplo, a Eletrobrás da área de energia diversificou aumentando o número de complexos eólicos no Rio grande do Sul, Rio grande do Norte e Bahia, enquanto isso a Odebrecht criou duas novas empresas, Odebrecht Energia e Odebrecht Defesa e Tecnologia S.A, para atuarem em dois novos setores. A diversificação também se deu devido a aquisição de outras empresas que trabalhavam em setores diferentes, a Cosan expandindo para lubrificantes incorporando parte da Exxon-Mobil (Compra total da Esso Brasileira de Petróleo Ltda. E afiliadas).

A terceira estratégia que foi possível com a globalização é a internacionalização. A internacionalização esteve presente entre os 15 grupos selecionados, sendo que de forma semelhante à diversificação a diferença foi o grau da internacionalização da empresa. As empresas mais antigas, principalmente as grandes construtoras (apesar de ser difícil classificar estas empresas em uma atividade devido ao grande número de diferentes setores onde estas mesmas operam) Odebrecht, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez junto com a Vale e Petrobrás foram as grandes responsáveis por uma grande expansão no continente africano, como pode se perceber no gráfico 6 abaixo. Nos anos de 2003 a 2012 o investimento externo destas empresas os mesmos contribuíram com 10.900,6 milhões de reais no continente africano, que é quase a totalidade dos investimentos africanos, o total sendo 10.901,6 milhões de reais. Apesar do grande volume de investimento para África (segundo continente que recebeu maior volume de investimentos) grande parte é voltada para indústria de extração e mineração. A América Latina foi o continente líder de investimentos dos grupos analisados com 21.690,6 milhões de dólares. O motivo se dá por causa de sua proximidade ao Brasil. Todos os grupos que investiram no exterior investiram em algum lugar da América Latina. A Ásia, América do Norte, Oceania e Oriente Médio receberam 16.287,2 milhões de dólares. Vale notar que grande parte do investimento dos grupos foi focada para continentes menos desenvolvidos, sendo que só a América Latina, África e Ásia receberam 77,84% do investimento total durante 2003-2012.

Gráfico 6 – Distribuição por continente de projetos de investimento externo entre 2003-2012 dos 15 grupos analisados



Fonte : FDI Intelligence

O aumento do joint-ventures e de acordos de pesquisa entre grupos também foi uma estratégia recorrente. Os joint ventures visam uma união entre grupos sem comprometer a integridade de ambas as partes e dividir os riscos de empreendimentos. Os mais notáveis dos últimos anos foram entre a Raízen, que faz parte do grupo Cosan, e a Shell na área de produção de biocombustíveis, entre a Odebrecht Defesa e Tecnologia S.A. e a European Aeronautic Defense and Space Company (EADS) e duas joint-ventures da Embraer com a China Aviation Industry Corporation II (AVIC II) criando a Harbin e com a OGMA (Portugal). Há também diversos acordos de pesquisa entre os grupos em pesquisas e novos produtos, um exemplo seria o caso da Lockheed Martin com a Embraer na área de Aerial Common Sensor (ACS), em outras palavras sistemas de inteligência, vigilância e reconhecimento.

6) Referências

- GRANOVETTER, M. (2005).** Business groups and social organization. In: SMELSER, N. & SWEDBERG, R. (2005). *The handbook of economic sociology*. New York: Princeton University.
- LEFF, N. (1970).** Industrial organization and entrepreneurship in the developing countries: the Economic Groups. *Economic Development and Cultural Change*, 26(4), pp.661-675.
- KUPFER, D. (2001).** *Mudança estrutural nas empresas e grupos líderes da economia brasileira na década de 90*. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/download/index.php>.
- TAVARES, M, C, T (1998).** A cumulação de Capital e Industrialização no Brasil. Unicamp, Instituto de Econômica,
- ROCHA, M. A. & SILVEIRA, J. M. (2009).** *Propriedade e controle dos setores privatizados: uma avaliação da reestruturação societária pós-privatização*. Trabalho apresentado no XXXVII Encontro Nacional de Economia, Foz do Iguaçu, 21p.
- VALOR (2011).** Grandes Grupos.
- BRESSER-PEREIRA, L.C.(2006).** O Novo Desenvolvimentismo e a Ortodoxia Convencional
- BRESSER-PEREIRA, L.C.(2005).** Crítica do crescimento com poupança externa.São Paulo, Escola de Economia de São Paulo/*Fundação Getúlio Vargas*
- BRESSER-PEREIRA,L.C.; NAKANO Y.** *Crescimento econômico com poupança externa ?Revista de economia Política,São Paulo*
- CHANG,H.-J.** Chutando a escada. São Paulo: Unesp,2004
- FFRENCH-DAVIS,R.** Entre el neoliberalismo y el crecimiento con equidad.3. ed. Santiago do Chile :J.C. Sáes Editor, 2003
- ALEJANDRO, C.D.** Southern Cone Stabilization Plans
- CLINE,W.R.; WEINTRAUB, S. (Ed.).** Economic Stabilization in developing countries. Washington : The Brookings Instituion, 1981
- TARUN, K. YISHAY Y.(2007).** Business Groups in Emerging Markets: Paragons or Parasites?
- LEFF, N. (1970).** Industrial organization and entrepreneurship in the developing countries: the Economic Groups. *Economic Development and Cultural Change*, 26(4), pp.661-675.
- KUPFER, D. (2001).** *Mudança estrutural nas empresas e grupos líderes da economia brasileira na década de 90*. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/download/index.php>.
- ROCHA, M. A. & SILVEIRA, J. M. (2009).** *Propriedade e controle dos setores privatizados: uma avaliação da reestruturação societária pós-privatização*. Trabalho apresentado no XXXVII Encontro Nacional de Economia, Foz do Iguaçu, 21p.
- ROCHA, M. A. (2013).** Grupos econômicos e capital financeiro: uma história recente do grande capital brasileiro. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP.
- VALOR (2011).** Grandes Grupos.

<http://www.petrobras.com.br/>

<http://www.vale.com/>

<http://www.eletronbras.com/>

<http://www.votorantim.com.br/>

<http://www.bradesco.com/>

<http://www.odebrecht.com/>

<http://www.jbs.com.br/>

<http://www.brf-br.com/>

<http://www.cosan.com.br/>

<http://www.cpfl.com.br/>

<http://www.camargocorrea.com.br/>

<http://www.embraer.com/>

<http://www.valor.com.br/>

<http://www.italu.com.br/italusa/>

<http://www.fdiintelligence.com/>